

## GARGALOS E MATURIDADE

**\* Roberto Rodrigues**

Recentemente, uma importante revista nacional de economia publicou matéria elencando os principais entraves do agronegócio brasileiro, a partir de pesquisa realizada junto a agentes de diversas cadeias produtivas. As informações ali contidas têm lógica, mas não deixam de surpreender, pela maturidade que espelham.

O tema mais notado, isto é, o que os produtores consideram como o maior gargalo, é infraestrutura e logística, incorporando transportes (rodoviário, ferroviário, fluvial e marítimo), armazenagem e portos.

O segundo colocado é a tributação, e aqui fica explícita a preocupação da indústria de transformação quanto aos impostos sobre exportação de produtos manufaturados: os estímulos da importante lei Kandir às exportações de grãos perturbam a de produtos industrializados. Com isso, a indústria perde competitividade, e várias delas estão migrando para países vizinhos, como a Argentina.

O terceiro é o câmbio. Mas, quando a pesquisa foi feita, ainda não tínhamos chegado ao grau presente de preocupação com a desvalorização do dólar, nem as perspectivas para 2010 eram tão sombrias: afinal, estamos plantando uma safra com insumos comprados a um dólar de 1,90 e vamos colhê-la a um dólar de 1,70, ou menos, como já especulam muitos analistas.

O quarto gargalo é o protecionismo agrícola dos países desenvolvidos, que ficou mais sério com a crise financeira internacional. Os países voltaram a criar fortalezas de proteção para evitar recessão e desemprego, contrariando até mesmo o processo de globalização da economia e engessando a rodada de Doha da OMC, iniciada em 2001 e sem perspectivas de término.

O quinto gargalo é o ambiental. Este está fervendo em Brasília, nas discussões sobre o Código Florestal. É preciso eliminar o radicalismo sem sentido e sem equilíbrio. É preciso encontrar com inteligência um caminho para a sustentabilidade produtiva em todo o país, sem destruir a nossa biodiversidade e sem comprometer o futuro do nosso agronegócio.

O sexto item é a sanidade, tanto animal quanto vegetal. Afinal, os prejuízos causados pela aftosa em 2005 ainda não foram recuperados. A própria rastreabilidade, embora não seja um problema sanitário, e sim de gestão, contribuiu para reduzir às exportações de carne bovina para a União Européia.

O sétimo gargalo é o crédito rural. E aqui talvez esteja o mais importante indício da maturidade do setor. Se a pesquisa fosse feita há 30 anos, com certeza o crédito rural seria o principal problema, pois naquele tempo era isso que empurrava o setor para a frente. Depois que o endividamento do setor cresceu por causa de políticas econômicas equivocadas para o campo, a realidade é que os agricultores e pecuaristas foram encontrando alternativas de crédito rural, como recursos de tradings, multinacionais ou mecanismos de mercado, como os negociados em bolsas.

Surpreendentemente, temas como preços mínimos e renegociação de dívidas aparecem com poucos votos na pesquisa. Isto demonstra claramente

que os modernos agricultores brasileiros estão mesmo preocupados com as questões estruturais que perturbam a nossa competitividade.

É claro que o Seguro Agrícola, na plenitude esperada (não apenas um seguro contra riscos climáticos ou pragas) é uma política essencial para a renda do produtor, e deverá estar agregada a um programa de preços mínimos reais.

Voltando e aprofundando o tema transporte, vê-se que a infraestrutura é mesmo o nosso maior gargalo. No Brasil, 62% do frete agrícola é rodoviário. Aliás, só 12% das nossas rodovias são pavimentadas! E destas, só 25% são ótimas ou boas! É um cenário trágico, que esperamos seja corrigido com o PAC, quanto este sair do papel para valer. Até porque a eficiência nas rodovias é muito baixa: um galão equivalente de combustível transporta uma tonelada de produto por 107km; na ferrovia, o mesmo galão transporta por 374km. E, na hidrovia, dá para 952 quilômetros.

Tudo isso acaba dividindo os produtores brasileiros: os que estão até 500km dos portos e dos principais centros de consumo têm renda; os que estão acima disto, às vezes nem renda têm!

E foram estes últimos que abriram a fronteira agrícola, geraram empregos e riqueza, integraram o território nacional, produziram excedentes exportáveis. São os modernos bandeirantes conquistadores. Pois são excluídos da renda, não conseguem mais crescer e dependem dos subsídios federais que, como sempre, distorcem os mercados e perturbam o desenvolvimento sustentável.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**